

O SÊMEN ANALFABETO E A LEITURA GLAMOURIZADA: NOVOS MITOS DO LETRAMENTO EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS

Micheline Moraes¹

Este trabalho visa a refletir sobre o ensino de língua portuguesa e os mitos que envolveram e ainda envolvem o letramento. O trabalho baseia-se nos estudos sobre letramento, tais como Soares (2006), Kleiman (1995), Rojo (2009, 2012) e Street (1984, 1995). A discussão que levanto pretende ser estímulo para professores e professoras pensarem sobre escrita e mitos do letramento com seus alunos, pois, em tempos de redes sociais, coexistem a ainda ofensa ao analfabeto como falta de mérito pessoal e o glamour do bem falar e do bem escrever.

Um pouco sobre letramento

“Letramento”, para Soares (2006), tem relação ao estado ou à condição assumida pelos que aprendem a ler e escrever. Assim, tanto para o grupo social em que a escrita seja introduzida quanto para o indivíduo que aprenda a fazer uso dela – a escrita traz diversas consequências: sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas.

Ao aprender a ler e escrever, ao tornar-se alfabetizado, ao adquirir a “tecnologia” – a habilidade do ler e escrever – e ao envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, o indivíduo passa a sofrer consequências, alterações de diferentes ordens no seu estado ou condição. Muda-se o lugar social, o modo de viver na sociedade, a inserção na cultura, sem mudar sua classe social, por exemplo.

Entretanto, um indivíduo que não saiba ler e escrever, isto é, seja analfabeto, pode ser, de certa forma, letrado (SOARES, 2006).

Street (1995) traz a distinção entre letramento autônomo (uma realização individual, com ênfase na aquisição e no uso da escrita como habilidades ou tecnologias independentes do contexto social) e letramento ideológico (letramento em termos de práticas sociais concretas associando-o às ideologias que o perpassam). Para Street (1984), a tecnologia da escrita é um produto social resultante de processos e instituições políticos e ideológicos.

Entretanto, a escola tem sido insuficiente e ineficiente na sua busca por ensinar essa tecnologia.

Se, desde a corte renascentista já se percebeu que não bastava que apenas se lesse, era preciso ler os livros certos, àquela época, alguns livros eram considerados modelos de sabedoria, e a leitura tinha, porém, se transformado em uma atividade social, e não prática, e o livro havia se transformado em uma propriedade pessoal e um bem precioso (GRAFTON, 1999), a leitura segue ainda sendo um hábito elitizado e elitista.

Com a explosão da Reforma protestante coincide com uma importante revolução dos meios de comunicação: aceleração da circulação dos textos e redução de custos de cada cópia. Não houve um impacto tão imediato, por ser aquela uma sociedade ainda amplamente analfabeta. Assim talvez seja muito provável que a dimensão do alcance das redes sociais seja diminuída pelo fato de a sociedade brasileira, de modo geral, ser incapaz de perceber os discursos divulgados à exaustão por ser menos letrada.

Imprimir em língua popular se torna uma necessidade advinda da difusão do Protestantismo. Para que tivessem acesso ao que é preconizado, Lutero tocou o povo falando a língua que falavam e abandonou o latim.

¹ Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)/Laureate Internacional Universities, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: michemoraes@yahoo.com.br.

A escola servia para a instrução de uma elite que, esta, sim, poderia estudar e conservar os livros, e Calvino não era a favor da Bíblia acessível a todos.

Ora as leituras eram proibidas, por não ser possível entender comentários das margens, ora porque estes comentários eram proibidos. Leituras individuais foram freadas. Leituras plurais surgiam, mas, na verdade, ainda era um mundo oral o de Lutero. A novidade é a multiplicação do livro. São muitos os analfabetos: 3 a 4% da população sabia ler por volta de 1500. Uns leitores leem rápido; outros decifram. Mas como essas publicações atingiram seu tempo? Provavelmente havia uma simultaneidade de práticas de leitura: as silenciosas, em balbucios, em pequenos grupos, coletivas... Livros para serem lidos coletivamente ou apenas individualmente, e outros, por fim, eram objeto de ambos os tipos de leitura.

A Reforma não incentivou algo que não a oralidade. Mas, claro, que ler a Bíblia a fez menos sacralizada e a torna, junto com o livro, mais familiar. É certamente uma incitação à leitura. Constatar apenas que o Protestantismo promoveu a leitura seria desconsiderar as distinções entre as sociedades mais rurais, de Lutero, e as mais alfabetizadas, de Calvino. São provavelmente recíprocas as influências entre sociedades e religiões (GILMONT, 1999).

Talvez a revolução que a leitura da Bíblia dessacralizada na reforma protestante permitiu à leitura esteja acontecendo agora com as redes sociais que tornaram também a escrita menos sacralizada, mas, ao mesmo tempo, glamourizam-na se bem usada: é um produto caro, desejado pelas altas classes, já que anos e anos de escolarização não garantem uma verdadeira formação de leitores.

Segundo Roxane Rojo (2009), “Ler é melhor que estudar” (Ziraldo) foi adotada como *botton* pela juventude de esquerda brasileira e nos remete à ineficiência da escola e a sua distância em relação às práticas sociais significativas, mas fomos conhecendo cada vez mais a respeito do ato de ler com o aparecimento das teorias de letramento. Também é unânime para as elites intelectuais brasileiras, visto que a escolarização não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la. Ler continua sendo coisa das elites.

Os resultados de leitura de nosso aluno em diversos exames, como o ENEM, SARESP, SAEB, PISA, são tidos como altamente insuficientes para a sociedade urbana e globalizada altamente letrada, e as práticas de leitura nas escolas dão conta de parte das práticas letradas exigidas pela sociedade. Ser letrado na vida e na cidadania é muito mais que a literalidade dos textos e sua interpretação. Agora a leitura é vista como um ato de se colocar em relação a um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele.

O discurso/texto é visto como conjunto de sentidos e apreciações de valor das pessoas e coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles.

Kleiman (1995) esclarece que, ao letramento, se confere uma gama de efeitos positivos que não têm uma postulação histórica. É o mito do letramento, mito esse reproduzido ainda nesta era de redes sociais como se uma corte renascentista ainda vivesse por aqui para dizer do que é um grande homem.

Segundo Street (apud KLEIMAN, 1984), o modelo autônomo pressupõe que há apenas uma maneira do letramento ser desenvolvido, sendo que esta forma estaria associada quase que causalmente com o progresso, a civilização e a mobilidade social e caberia ao indivíduo a responsabilidade sobre o fracasso ou o sucesso da aprendizagem de leitura e escrita.

Contraopondo-se a esse modelo autônomo, Street (apud KLEIMAN, 1995) apresenta o modelo ideológico afirmando que as práticas de letramento são sociais e culturalmente determinadas, onde os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida.

Ao explicitar o modelo autônomo de letramento, Kleiman argumenta que a escrita nesse modelo se torna um produto completo em si mesmo, desvinculado de aspectos contextuais e sociais, além de privilegiar os textos escritos em detrimento da oralidade.

Outras características deste modelo apontadas por Kleiman seriam: a correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo, a dicotomização entre a oralidade e a escrita e a atribuição de poderes e qualidades intrínsecas à escrita.

Em face dos estudos apresentados por alguns autores de que haveria correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo, Kleiman conclui que tal correlação é falsa, pois o desenvolvimento das habilidades cognitivas seria decorrente da escolarização, não estando diretamente relacionado à aquisição da escrita. A autora destaca também que o tipo de habilidade que é desenvolvida depende da prática social em que o sujeito está engajado quando usa a escrita, enfatizando a importância do contexto social.

Em face dos estudos apresentados por alguns autores de que haveria correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo, Kleiman conclui que tal correlação é falsa, pois o desenvolvimento das habilidades cognitivas seria decorrente da escolarização, não estando diretamente relacionado à aquisição da escrita. A autora destaca também que o tipo de habilidade que é desenvolvida depende da prática social em que o sujeito está engajado quando usa a escrita, enfatizando a importância do contexto social.

Traça deve ser um inseto de grife. Afinal, ser letrado é o *must have*. Muita gente já percebeu isso. Ao que tudo indica, a conclusão mais recente de uns é que, na leitura, reside o requinte vernacular.

Assim, “sou filho de uma mulher que já nasceu analfabeta” pode ser entendido como uma pérola no pior ou no melhor sentido. Podemos ver a percepção de um determinismo social, além de um equívoco. Quem acredita que sua mãe já nasceu analfabeta pode ignorar que o processo de decodificação, como processo que é, não poderia jamais ocorrer no útero. Entretanto, pode entender que o útero – e principalmente, como extensão dele, a mãe que gerou a mulher que nasceu analfabeta – estava inserido em uma realidade em que a questão social (mais do que qualquer movimento ou do que um certo empenho pedagógico) determinaria o estado de permanência no analfabetismo, permanência numa cultura iletrada. Iletrada não porque sem escrita, mas porque numa situação tal que a restrição de acesso às coisas todas do mundo definiria o status de não leitor e não produtor de textos. O determinismo social de alguém que é filho, neto, bisneto de um analfabeto e a glamourização do letrado ainda coexistem. Por isso, as ideologias no sentido de seguir se distinguindo as pessoas, estendendo suas capacidades, definindo aqueles que podem ter acesso a bens de cultura e a textos é um novo massacre. É um massacre que permite a aculturação e o assujeitamento. Entretanto, hoje, quando sabemos que o trabalho da escola tem sido insatisfatório, considerando as exigências da nossa sociedade altamente letrada e globalizada, parece cômico que algumas celebridades peçam desculpas em público, na verdade, por meio das redes sociais, por cometerem gafes languageiras, como quem desconhece regras de etiqueta ou mesmo não conseguiu comprar um produto de que sinta falta em determinado momento. A linguagem e, mais, o seu uso não se trata de um automatismo ensaiado, treinado, adquirido às pressas ou de um estoque na prateleira, tal como uma coleção de carros, de sapatos, de joias. Erudição, competência leitora, capacidade crítica não se compram em um banco de sêmen. Algumas pérolas falsas hão de rolar para debaixo do tapete daqueles que aprenderam a valorizar a escrita só em tempos de maior exposição social por escrito. Talvez leitura e escrita estejam ganhando um novo status, não necessariamente o mais positivo.

Rojo (2012) destaca que a mídia digital permite que o nós tenhamos interações em vários níveis e com vários interlocutores, mas que tudo depende de nossas ações enquanto humanos usuários. Sem isso, a interface e as ferramentas não funcionam.

Por isso, não basta a um leitor decodificar textos, e não criticá-los, nomeando-se, intitulado-se tão-somente por isso, leitor de grandes textos.

Referências

GILMONT, J. F. Reforma protestante e leitura. In: CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999, p. 47-77.

GRAFTON, A. O leitor humanista. In: CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999, p. 5-46.

KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ROJO, R. Letramento(s): práticas de letramento em diferentes contextos. In: _____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 95-127.

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

_____. **Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education**. London and New York: Longman, 1995.